

humanitas



Vol. I - Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

VOL. L • TOMO II
MCMXCVIII

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DO DOUTOR JOSÉ GERALDES FREIRE



BREVE INTRODUÇÃO À PRESENÇA E AO USO DA TRADIÇÃO CLÁSSICA NA POESIA DE NUNO JÚDICE

MÁRIO GARCIA*

Universidade Católica Portuguesa

Na “partilha dos mitos”, que parte reservaram os deuses ao poeta Nuno Júdice? Frágil, porém, a lira traça um caminho, configura uma obra, como o fio de Ariadne no labirinto do mundo. Se, desde *A noção de poema*, publicado há 25 anos, até “Génese e explicação do poema Interrogação a uma Amiga Morta”, último texto do seu último livro, *A Fonte da Vida*, o Poeta prossegue um trabalho exemplar de procura e interrogação do texto, e estimula-nos também a procurar e a interrogar, só poderemos, nesta breve apresentação, sublinhar pegadas, marcas, por assim dizer, simbólicas, dos passos de alguém a quem gostamos de seguir.

Não surpreende o leitor familiarizado com a poesia de Nuno Júdice, e a ela somente me vou referir, deparar com alusões, paráfrases, citações, de poetas e escritores do Passado. Falo do Passado com maiúsculas, revelando nele a Tradição e o Classicismo, no tempo e para além do tempo. Os livros da 1ª década, de 72 a 82, com o perigo de querer arrumar em marcos definidos as etapas de um percurso, podem parecer oficinais. A aprendizagem do estilo, daquele “longo e obediente sofrimento”, de que fala Camões, a propósito da “celeste formosura” da sua Circe, define, nesses livros, a procura e a interrogação.

Veja-se, por exemplo, de *Nos braços da exígua luz* (1976), esta passagem de “Teoria do círculo”: “Não encontrei nenhuma solução, nem propus quaisquer

* Professor Extraordinário de Literatura Portuguesa na Área de Humanidades da Faculdade de Filosofia de Braga da Universidade Católica Portuguesa.

hipóteses libertadoras; apenas retomei o caminho do Ocaso, e ao chegar a uma situação completamente nova, para mim, detive-me - a elogiar a imobilidade, o fixo, o ser ali e eterno. Sobrevivi durante alguns meses neste artifício. Finalmente, partí em frente sob o império da convicção e do desejo de descoberta”¹.

Estudo prévio, dir-se-ia, à fabricação da obra-prima, aquela que confere ao Poeta, na oficina do Poema, o diploma de Mestre, a licença de ensinar, livre do ginásio da escola. Essa primeira obra é, a meu ver, *Lira de líquen*, de 1985: “Deixo atrás - o quê? que sombras / vagas me perseguem ainda, como insectos que nenhuma treva / assusta? Fujo! E as asas calcárias do louva-a-deus / colam-se-me às costas”². *Lira de líquen*, título emblemático, irónico, na união paradoxal do sublime e do frágil. Neste livro irrompe, com determinação, a súplica à Musa da Noite e da Palavra, encontro nupcial sempre adiado pelo olhar assassino, mas ignorante, do Amor:

Oh tu: sombra perdida numa reminiscência
de céus selados na minha memória; tu, que
um passado desejo despertas na maturação
dos bosques - de onde se elevam os fluidos
húmidos do crepúsculo - e que ao ameno
Sul emprestas o amargo traço de um rosto noc-
turno: dar-me-ás esse véu de palavras
mortas sob as argilas negras do inverno?
Esse cansado impulso de ser num vestígio
de voz - sudário sopro de que vago murmúrio?³.

Desde então, o Poeta cultiva, conscientemente, a forma, entrega-se à “condescendência do ser” (1988). E os nomes míticos vêm à superfície, com mais abundância e naturalidade, convivem no mapa da escrita. Veneza e o Tibete, lugares, heróis, Hölderlin, Narciso, Fanny Owen, e tantos outros, flores de retórica, cenários de cultura, rostos, enfim, da sombra suspirada de Eurídice, viva, no texto e pelo texto, pelo canto momentâneo de Orfeu. Tal complexidade metafórica aparece, quando menos se espera, intrincada na rede do poema.

¹ Nuno Júdice, *Obra poética (1972-1985)*, Lisboa, Quetzal, 1991, p. 209.

² *Ibid.*, p. 273.

³ *Ibid.*, p. 274.

Na “Cena da vida campestre”, por exemplo, de *Um canto na espessura do tempo* (1992), a reminiscência infantil do enigma de *eros*, quando as raparigas se despiam “dentro das / lonas que fecham as velhas barracas da feira”, e “a / luz do petróleo deixava que os seus gestos / chegassem às crianças que as espreitavam no / abrigo de uma esquina”, essa reminiscência, veiculada pelas sombras, como na caverna platónica, passa, na última estrofe, para uma dimensão claramente alusiva à mitologia, pagã, e também, na mesma simbiose, católica. De facto, “o segredo” de que se fala, refere-se à estrofe anterior do poema: “No domingo, porém, / ninguém confessava os segredos dessa noite ao / padre”. Lemos no desfecho inesperado de uma “cena da vida campestre”:

Peço um isqueiro a essas raparigas. E elas,
 fechadas no luto do passado, não me ouvem. De resto,
 que incêndio poderia atear a antiga chama - a
 não ser o dos seus risos breves e bruscos, que
 duram o tempo de um lume? Um deus errante soprou
 os seus rostos; e a cinza perde-se nas pedras
 que o desmanchar da feira deixou mais escuras
 e melancólicas. Aí está, então, o segredo que, algures,
 deveria confessar: sujou-me os dedos a cinza
 dessas pedras; e guardei nos olhos um resto de
 obscuridade roubado ao silêncio da sua partida ⁴.

Que subjaz a este desmoronar de feira? O silêncio da perda, a nódoa do castigo, a perplexidade obscura do desejo, a experiência vivida projectada num horizonte mítico: traços, relíquias, ruínas, fragmentos de “um deus errante”, um pouco de cinza sobre a pedra.

Lembramo-nos, aqui, do *topos* da ausência, transposto por Charles Baudelaire, para a cidade contemporânea, no célebre soneto “À une passante” de *Les fleurs du mal*: “La rue assourdissante autour de moi hurlait”. A mulher passa, desaparece, deixa atrás de si um relâmpago de beleza fugidia. O olhar conseguiu fixá-la, momentaneamente, mas a melancolia da procura torna-se o rasto evanescente de alguém, que atravessa, por assim dizer, toda a poesia moderna: “Ne te verrai-je plus que dans l'éternité? // Ailleurs, bien loin d'ici!

⁴Nuno Júdice, *Um canto na espessura do tempo*, Lisboa, Quetzal, 1992, pp. 68-69.

trop tard ! *jamais* peut-être! / (...) / Ô toi que j’eusse aimée, ô toi qui le savais!”
Metamorfose da perda de Eurídice, no caos citadino!

Num contexto revelador da presença do mito clássico da passagem do inverno para a primavera, reparemos na terceira parte do longo poema “Relação das rotas navais”, de *Meditação sobre ruínas* (2ª ed., 1996): Deméter, “deusa engripada”, “encostada / à porta do supermercado, chora ainda a filha ausente”⁵, Perséfone, “perdida no exílio subterrâneo de um inferno de corredores / e lojas”:

És tu, no entanto, que procuro ainda,
com o manto negro a encobrir o rosto e as mãos, e a coroa
de flores murchas a cair da cabeça: rainha contrariada,
virgem perdida no exílio subterrâneo de um inferno de corredores
e lojas de estores corridos, assustada pelo néon de anúncios
piscando as promoções da véspera, enquanto os caixotes vazios
esperam pela próxima descarga. Poderia dar-te um bilhete e
mandar-te à paragem onde ficou a tua mãe; mas como
explicar-te o caminho de volta para a saída, e em que língua
te poderia explicar as circunstâncias do regresso? Assim,
limito-me a fixar os teus olhos vazios, rodeados
pelo círculo negro do choro, recitando esse lamento pela
condição das últimas deusas que, tendo perdido o fio
e a tesoura, se afastam do tear da vida, não sabendo
que perguntas fazer, e a quem, ou a que balcão se dirigir
para ter uma resposta⁶.

Não será descabido aproximar deste episódio, a célebre passagem do Livro IV das *Geórgicas* de Virgílio, a descida de Orfeu aos infernos e a perda inconsolável de Eurídice. Cito os versos 485-506, na magnífica tradução de António Feliciano de Castilho, publicada em 1867:

Já vinha desandando o lóbrego caminho,
redivivo ao prazer, e salvo dos azares.
Restituída a seus ais, volvia aos puros ares

⁵ Nuno Júdice, *Meditação sobre ruínas*, 2ª ed., Lisboa, Quetzal, 1996, p. 138.

⁶ *Ibid.*, p. 139.

trás ele, e não olhada, Eurídice. Tal era
a cláusula que ao dom Prosérpina impusera.
Alucina-se o amante (insânia perdoável,
se couberam perdões no abismo inexorável!)
pára, já quasi à luz... sucumbe... esquece... oh! luto!
sua Eurídice encara, e esvai-se à lida o fruto!...
Do Averno o cru tirano o pacto há rescindido,
e três vezes sai do Orco um lúgubre estampido,
co'a voz dela per meio: "Orfeu, que amor foi este?
Mísera! a mim, e a ti, co' o teu furor perdeste!
O fado me revoca! ai! sinto os olhos meus
outra vez a nadar no sono eterno... Adeus!...
Força estranha me empuxa! a negridão me cerca!
tendo-te embalde as mãos! é força que te perca!"
Disse, e desapareceu, qual fumo na atmosfera;
sem nunca mais o ver, a ele, que inda espera
co'as frenéticas mãos nas sombras apanhá-la,
mil cousas quer dizer-lhe, e não atina fala!
Do Orco o velho arrais nunca dess'hora avante
consentiu mais regresso à malograda amante.
Duas vezes viúvo, onde é que há-de ir-se agora,
que há-de fazer Orfeu? Pranteia, clama, implora,
e todo o inferno é surdo, e nenhum deus o atende!
Gelada ao longe a esposa a veia stígia fende ⁷.

Três perspectivas resumem e, a meu ver, especificam, o uso que o poeta Nuno Júdice faz da mitologia greco-latina. Em primeiro lugar, o fascínio pelos nomes impregnados de história, à maneira, algo gongórica, como o simbolismo valorizava os vocábulos raros; em segundo lugar, a narratividade, que confere à escrita um desenvolvimento alegórico; em terceiro lugar, a busca da perfeição, no interior do texto. O poema participa, assim, do romance e do teatro, vai ao encontro da mais divina e primitiva das artes: a palavra, o gesto, o movimento, unificados na música e na dança.

⁷ *As Geórgicas de Virgílio*, traladadas a português por António Feliciano de Castilho, Paris, Typographia de Ad. Lainé e J. Havard, 1867, pp. 285-287

Só na experiência da morte, o amor, finalmente, descansa. Talvez a morte seja, de facto, Eurídice, o amor, Orfeu, a poesia, o canto, indissolúvel do corpo e da palavra. No poema “Declaração”, do novíssimo livro, *A fonte da vida* (1997), a morte confunde-se, sem retórica, com a contemplação sublimada do desejo. O Poeta oferece-nos, com extrema simplicidade, a sua Eurídice, não a eterna juventude da Vénus rósea de Velásquez, mas o retrato da mulher pacificada, detentora do segredo do canto, *Anima* quotidiana de cada um de nós:

Gosto das mulheres que envelhecem,
com a pressa das suas rugas, os cabelos
caídos pelos ombros negros do vestido,
o olhar que se perde na tristeza
dos reposteiros. Essas mulheres sentam-se
nos cantos das salas, olham para fora,
para o átrio que não vejo, de onde estou,
embora adivinhe aí a presença de
outras mulheres, sentadas em bancos
de madeira, folheando revistas
baratas. As mulheres que envelhecem
sentem que as olho, que admiro os seus gestos
lentos, que amo o trabalho subterrâneo
do tempo nos seus seios. Por isso esperam
que o dia corra nesta sala sem luz,
evitam sair para a rua, e dizem baixo,
por vezes, essa elegia que só os seus lábios
podem cantar ⁸.

⁸ Nuno Júdice, *A fonte da vida*, Lisboa, Quetzal, 1997, p. 117.